

# MORTE ENCEFÁLICA E DOAÇÃO DE ÓRGÃOS E TECIDOS: PERCEPÇÃO DE ACADÊMICOS DE MEDICINA

*Brain death and organ and tissue donation: perception by medical students*

Ana Cristina Cezar Sawaya Almeida, João Paulo Silva Domingueti

## RESUMO

**Introdução:** O transplante de órgãos e tecidos é uma alternativa no tratamento de diversas doenças, mas o número de doadores é baixo e as filas de espera, longas. Esse déficit é também atribuído à desinformação da população, cabendo aos profissionais da saúde prestar assistência e orientar. Nesse contexto, é necessária a qualificação dos acadêmicos de Medicina sobre doação de órgãos, assim como o ensino médico deve proporcionar esse conhecimento. **Objetivo:** Analisar o conhecimento de estudantes de Medicina em relação à morte encefálica e doação de órgãos. **Métodos:** Foi utilizado um questionário autoaplicável contendo 14 questões objetivas, respondido voluntariamente e sem identificação. A amostra foi composta por 240 acadêmicos selecionados aleatoriamente, correspondendo a 48,78% do total de alunos. Os dados coletados foram agrupados conforme o ano letivo para avaliação de diferenças entre os períodos. **Resultados:** Dos 240 alunos entrevistados, 35% participaram de aulas ou curso sobre o tema e 59,16% autoavaliaram seu conhecimento em doação e transplante de órgãos como regular; contudo, 90% afirmaram ter conhecimento sobre morte encefálica. Esse entendimento aumentou conforme avanço da graduação médica. Sobre doação post mortem, 90,83% seriam doadores e os principais motivos para não doar são: medo, desinformação, religião e simplesmente não querer. Os acadêmicos também foram avaliados sobre transplantes intervivos, sendo que 91,66% realizariam doação. Porém, 46,16% desconhecem seus riscos. **Conclusão:** Os estudantes de Medicina são bem instruídos em relação a conteúdos relevantes ao transplante como morte encefálica, mas a abordagem da doação de órgãos e tecidos é insuficiente para a prática.

**Descritores:** Estudantes de Medicina; Obtenção de Tecidos e Órgãos; Transplante de Órgãos; Morte Encefálica; Educação Médica.

## INTRODUÇÃO

Alternativa no tratamento de doenças crônicas e falências sistêmicas, o transplante de órgãos e tecidos é um processo que se inicia a partir de uma doação.<sup>1</sup> É definido como a transferência de um órgão ou parte deste de um doador em vida ou em óbito para o indivíduo que necessita da terapêutica.<sup>2</sup> No último caso, o doador é diagnosticado com Morte Encefálica (ME) e, após orientação familiar, caso seja consentido, a captação é realizada. Podem ser transplantados: córneas, coração, pulmões, rins, fígado, pâncreas e ossos.<sup>3</sup> Através da doação, muitas vidas são beneficiadas, pois um único doador pode salvar até sete pessoas e melhorar a vida de cinquenta ou mais receptores.<sup>4</sup> Contudo, embora o número de transplantes tenha aumentado nos últimos anos, a quantidade de doações é insuficiente para suprir a demanda das filas de pessoas que aguardam por um órgão.<sup>1,2,4</sup>

---

### Instituição:

Curso de Medicina da Faculdade de Medicina de Itajubá -  
FMIT - Itajubá/MG - Brasil

### Correspondência:

João Paulo Silva Domingueti  
Av. Renó Júnior, 368 - CEP 37502-138, Itajubá/MG - Brasil  
Telefone: (35) 3221-3642 / (35) 98898-2124  
E-mail: joaodomingueti@hotmail.com

Recebido em: 29/01/2018

Aceito em: 27/02/2018

A falta de doação de órgãos para transplantes é reflexo, na maior parte dos casos da falha na conversão de potenciais doadores, ou seja, pacientes diagnosticados com ME em doadores efetivos.<sup>5</sup> Os motivos que afetam esse processo são diversos, tais como: medo, demora na captação, desinformação e religioso, mas cabem ser ressaltados ainda a recusa de familiares e a não notificação de possíveis doadores.<sup>6,7</sup> Isso ocorre, sobretudo, pelo escasso conhecimento sobre transplante por familiares e também por profissionais da saúde, o que pode ser gerador de desconfiança e medo em doadores e familiares, dificultando ou inviabilizando as etapas do processo de doação.<sup>5,7,8</sup> Ainda contribuem para a não doação, o desconhecimento da ME, dificuldades para manutenção do potencial doador, contra indicação médica e não reconhecimento ou atraso na determinação da ME.<sup>1</sup>

A ME é a parada total e irreversível das funções cerebrais, incluindo tronco cerebral, causando coma aperceptivo com ausência de atividade motora supra-espinal e apnéia, sendo as funções cardíacas e respiratórias mantidas, quando possíveis, por aparelhos.<sup>9</sup> A caracterização desse tipo de morte ocorre através da realização de exames clínicos e complementares durante intervalos de tempo variáveis e próprios para determinadas faixas etárias, que evidenciam ausência de atividade elétrica cerebral, ausência de atividade metabólica cerebral ou ausência de perfusão sanguínea cerebral.<sup>1,3,10</sup> Os exames clínicos devem ser realizados por dois médicos distintos, especificamente capacitados e não participantes da equipe de remoção e transplante.<sup>11</sup> Os exames complementares devem demonstrar: ausência de perfusão sanguínea cerebral; ausência de atividade elétrica cerebral; ausência de atividade metabólica cerebral.<sup>3</sup> Por fim, quando o protocolo de ME é finalizado, os familiares do potencial doador, são então entrevistados, visando a autorização da doação e, caso a família autorize, é iniciada a busca por receptores compatíveis.<sup>1,3,7,10,11</sup>

A doação de órgãos e tecidos é um processo delicado, que depende da confiança da população no sistema de saúde e do comprometimento dos profissionais de saúde no diagnóstico de ME.<sup>12</sup> Contudo, o diagnóstico de ME ainda é questionado pela sociedade por falta de informação adequada, por valores culturais, religiosos, socioeconômicos ou legais.<sup>1,10</sup> Familiares têm dificuldades em reconhecer que seu ente querido, apesar de apresentar batimentos cardíacos e temperatura corporal normal, tenha vindo à óbito.<sup>13</sup> A forma como são abordados e informados sobre a morte é essencial para a discussão e tomada de decisão sobre uma possível doação de órgãos e tecidos.<sup>14</sup> A aceitação da morte em vista disso é melhor quando a família é bem orientada

em relação ao conceito de ME e ao processo de doação até a entrega do corpo após a captação.<sup>13,14</sup>

O conhecimento sobre o assunto é essencial para a efetividade do processo de doação, no qual cabe aos profissionais da saúde prestar assistência.<sup>5</sup> Por serem responsáveis por cuidar e orientar sobre medidas relacionadas à saúde, estudantes de medicina devem conhecer a necessidade e a importância da doação de órgãos e tecidos.<sup>15</sup> Uma medida eficaz é atuar na base do sistema educacional médico, colocando o transplante como foco do estudo médico desde o diagnóstico de ME, notificação do possível doador, formação de equipes de captação e de equipes de transplante de órgãos específicos em todas as áreas.<sup>8</sup> Nesse contexto, é necessária a qualificação dos acadêmicos de Medicina sobre doação de órgãos, assim como o ensino médico deve proporcionar esse conhecimento. Informações sobre o processo e sua disseminação por profissionais que trabalham diretamente com a morte pode resultar em um incremento no número de doadores.<sup>5</sup>

## OBJETIVO

Visto a importância dessa abordagem, o objetivo do presente estudo é analisar o conhecimento e percepção de estudantes de medicina em relação à ME e doação de órgãos e tecidos.

## MÉTODOS

Este estudo é do tipo quantitativo de campo, observacional e de análise demográfica, que avaliou o conhecimento e a opinião de estudantes sobre o tema de doação e transplante de órgãos e tecidos. Para tanto, o estudo foi realizado na Faculdade de Medicina de Itajubá (FMIT) e em seu hospital, com acadêmicos do curso de Medicina do primeiro ao sexto ano. O instrumento de coleta de dados foi um questionário de múltipla escolha adaptado de Galvão e outros,<sup>15</sup> contendo catorze questões objetivas respondido voluntariamente e sem identificação. Foram abordados os seguintes conteúdos: conhecimento de transplante e doação de órgãos; qualidade da informação obtida durante o curso; intenção de doação post mortem; motivos para a não doação de órgãos; conhecimento sobre morte encefálica; intenção de ser doador em vida, quais órgãos pretendia doar e para quem faria a doação.

O questionário foi aplicado por alunos voluntários geralmente, no início das aulas, conforme o ano letivo, com exceção do internato (quinto e sexto ano), onde os acadêmicos foram procurados em suas respectivas enfermarias. Os propósitos da pesquisa foram esclarecidos oralmente perante as turmas. Após obtenção do Termo de Consentimento Livre e

Esclarecido (TCLE), o questionário foi respondido pelos alunos voluntariamente e sem identificação, sendo que os pesquisadores não foram entrevistados. Os critérios de exclusão para o estudo foram: não ser estudante de Medicina, não estar devidamente matriculado, ser menor de 18 anos e ter participado da pesquisa.

Em seguida, após a aplicação foram selecionados 40 questionários da amostra populacional de cada ano, sem critério de escolha e de modo aleatório, obtendo um total de 240 questionários, conforme cálculo amostral, correspondendo a 50% do total de alunos da instituição (população=480). Para o cálculo da amostra foi utilizado o software DIMAM 1.0, considerando margem de erro absoluta de 5%.

Os dados coletados foram agrupados conforme o ano letivo para avaliação de diferenças entre os períodos e não foram considerados sexo e idade para a análise. Por fim, para elaboração do manuscrito, foram realizadas buscas bibliográficas com o critério de artigos publicados em média de no máximo cinco anos. O estudo foi subsidiado pelo Fundo de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG) e aprovado sob protocolo do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), número do parecer 19.822.084. Não há conflitos de interesse.

## RESULTADOS

Constatou-se que a participação em aulas ou curso sobre o tema transplante e doação de órgãos e tecidos, corresponde, em média, a 35% (42) do total de estudantes da faculdade. Desse valor, a porcentagem de alunos no 1º ano é menor em comparação aos demais anos letivos, sendo 15% (6) dos alunos. Nos 2º, 3º e 4º anos, as porcentagens foram respectivamente, 35% (14), 20% (8) e 45% (18). Já no internato, a porcentagem foi de 35% (14) no 5º ano e no 6º ano ocorreu aumento para 60% (24) dos acadêmicos. Os alunos que participaram dessas atividades avaliaram a informação transmitida como: 8,33% (20) ótimo; 13,33% (32) regular; 11,66% (28) bom; 2,5% (6) ruim; 0% (0) péssimo.

Além disso, os estudantes autoavaliaram seu conhecimento em doação de órgãos, sendo: 0,83% (2) ótimo; 59,16% (142) regular; 5,83% (14) péssimo; 10% (12) bom; 24,16% (29) ruim. A frequência obtida desses valores de acordo com o ano letivo encontra-se na tabela 1. Ainda sobre a grade curricular, 78,33% (94) dos alunos opinaram que o tema “transplantes” deve ser abordado na graduação médica, enquanto 21,66% (26) consideraram que deve ser tratado em pós-graduação.

Ao serem questionados sobre doação dos próprios órgãos post mortem, ou seja, após diagnóstico de ME, obteve-se que 90,83% (218) dos estudantes

entrevistados têm intenção positiva de doar. Em uma análise dos períodos letivos, constatou-se que doariam: 90% (36) dos estudantes do 1º ano; 90% (36), do 2º ano; 95% (38), do 3º ano; 95% (38), do 4º ano; 85% (34), do 5º ano; 90% (36), do 6º ano. Dos 9,13% (22) que afirmaram não ter interesse em doar órgãos após a morte, evidenciou-se predominantemente quatro motivos para a não doação: 2,49% (6) religioso; 1,66% (4) medo; 0,83% (2) desinformação; 4,15% (10) simplesmente não querer. Não foram observados outros motivos para não doação.

Em relação ao conhecimento acerca de ME, 90% (216) do total dos estudantes entrevistados afirmaram ter conhecimento sobre o tema. Esse percentual variou conforme o ano letivo da seguinte forma: 85% (34) no 1º ano; 95% (38) no 2º ano; 80% (32) no 3º ano; 100% (40) no 4º ano; 85% (34) no 5º ano; 95% (38) no 6º ano. A frequência absoluta desses valores é expressa na tabela 2.

Os acadêmicos também foram avaliados sobre transplante intervivos, onde obteve-se que 91,66% (220) do total de alunos realizaram o procedimento. Esse valor distribuiu-se da seguinte forma, conforme os anos letivos: 85% (34) no 1º ano; 85% (34) no 2º ano; 100% (40) no 3º ano; 90% (36) no 4º ano; 90% (36) no 5º ano; 100% (40) no 6º ano. A doação ocorreria principalmente para pais (89,16%), filhos (85,83%) e irmãos (80,83%). Os principais órgãos a serem doados são: medula óssea (87,5%), rim (82,5%) e fígado (65,83%). Porém, contradizendo esses dados, observou-se que 46,16% (118) dos estudantes desconhecem os riscos desse tipo de transplante, variando de acordo com a tabela 3.

## DISCUSSÃO

Apesar das doações de órgãos terem aumentado nos últimos anos no Brasil, esse valor ainda é insuficiente para suprir a demanda das filas de transplantes. Obteve-se, em 2017, um total de 16,6 doadores efetivos pmp (por milhão de população), valor maior em 14,6%, comparado ao ano anterior, e a taxa de notificação de potenciais doadores corresponde a 51,6 pmp.<sup>16</sup> Contudo, cerca de 32 mil adultos e crianças esperam para um transplante, principalmente de córneas e de rins, seguida de fígado, coração, pulmão, pâncreas e intestino.<sup>17</sup> O déficit em relação à quantidade de pessoas que doam e a quantidade de pessoas que aguardam pelo transplante é reflexo, sobretudo de recusa familiar para realização da captação; diagnósticos tardios de ME ou manutenção clínica inadequada dos potenciais doadores<sup>17</sup> e infraestrutura precária da saúde. Esses fatores são em parte responsabilidades dos profissionais da saúde.<sup>18</sup>

Tabela 1: Autoavaliação sobre conhecimento em transplante e doação de órgãos.

	1º ano	2º ano	3º ano	4º ano	5º ano	6º ano	Total
Ótimo	0%	0,83%	0%	0%	0%	0%	0%
Regular	9,16%	9,99%	12,49%	11,66%	5,83%	9,99%	59,16%
Bom	1,66%	2,49%	0,83%	0%	3,33%	1,66%	9,99%
Ruim	4,16%	3,33%	3,33%	3,33%	5,83%	4,16%	24,16%
Péssimo	1,66%	0%	0%	1,66%	1,66%	0,83%	5,83%
<b>Total</b>	<b>16,66%</b>	<b>16,66%</b>	<b>16,66%</b>	<b>16,66%</b>	<b>16,66%</b>	<b>16,66%</b>	<b>100%</b>

Tabela 2: Conceito de Morte Encefálica

	1º ano	2º ano	3º ano	4º ano	5º ano	6º ano	Total
Conhecem	14,16%	15,82%	13,32%	16,66%	14,16%	15,82%	90%
Desconhecem	2,49%	0,83%	3,33%	0%	2,49%	0,83%	10%
<b>Total</b>	<b>16,66%</b>	<b>16,66%</b>	<b>16,66%</b>	<b>16,66%</b>	<b>16,66%</b>	<b>16,66%</b>	<b>100%</b>

Tabela 3: Transplante intervivos e seus riscos

	1º ano	2º ano	3º ano	4º ano	5º ano	6º ano	Total
Conhecem	7,49%	7,49%	7,49%	8,33%	7,49%	12,49%	50,83%
Desconhecem	9,16%	9,16%	9,16%	8,33%	9,16%	4,16%	49,16%
<b>Total</b>	<b>16,66%</b>	<b>16,66%</b>	<b>16,66%</b>	<b>16,66%</b>	<b>16,66%</b>	<b>16,66%</b>	<b>100%</b>

Ao considerar a doação de órgãos, percebe-se que o desejo de doar os próprios órgãos post mortem é significativo entre os futuros profissionais. Cerca de 90,83% dos estudantes de medicina têm intenção de doar, valor também constatado em estudos similares.<sup>7,8,15,19</sup> Porém, essa porcentagem não é homogênea entre períodos letivos, onde o valor foi constante entre primeiro e segundos anos, aumento desse valor no terceiro e no quarto anos, mas a porcentagem decaiu no quinto ano, retornando em seguida para a média no sexto ano. Portanto, evidencia-se que nesse estudo, a decisão de doar órgãos post mortem não se torna maior conforme período mais avançado do curso, como evidenciado em outros estudos, mas mantém-se relativamente constante. Logo, na tentativa de aumentar o número desses doadores, a obtenção de maior conhecimento sobre o tema e a aquisição de experiência não são suficientes, uma vez que a doação encontra dificuldade de diversas naturezas, tais como os de ordem social, religiosa, psicológica e cultural.<sup>8,15</sup>

Assim como apontado em outros estudos,<sup>8,15</sup> os principais motivos para a não doação de órgãos post mortem entre estudantes de Medicina são: religioso (2,49%), medo (1,66%), desinformação (0,83%) e simplesmente não querer (4,15%). Esses motivos também são encontrados quando se analisa a não doação em população leiga sobre o assunto. Porém,

nesse último caso, o não consentimento familiar é o principal motivo para a não doação. A oposição do indivíduo em vida é o motivo alegado frequentemente para a recusa, além do desconhecimento ou a não aceitação do diagnóstico de ME, receio de deformação do corpo, medo de comércio ilegal.<sup>13</sup>

Explicar esses aspectos, sua fisiologia e a irreversibilidade do quadro é de responsabilidade da equipe de saúde do hospital, conhecimento que deve ser adquirido durante a graduação de médicos e enfermeiros. Esses profissionais devem ser qualificados em relação à ME, para que, além de orientar e esclarecer em caso de uma possível doação, sejam prosseguidos os procedimentos a serem realizados para a captação.<sup>19</sup> A agilidade nesse processo, embora envolva densidade tecnológica e uso de equipamentos, depende essencialmente do grau de informação e interação da equipe, ou seja, o trabalho humano é o grande diferencial para o sucesso na doação, captação e transplante.<sup>20</sup> Contudo, frequentemente são identificados problemas em relação à notificação da ME pelo desconhecimento dos profissionais.<sup>19, 21</sup>

Os profissionais da saúde, frequentemente, não obtêm conhecimento suficiente acerca do conteúdo abordado durante a formação acadêmica, o que prejudica a notificação de potenciais doadores e a abordagem familiar.<sup>19</sup> Entretanto, constatou-se no presente estudo que a quantidade de alunos do curso de Medicina que

afirmam ter conhecimento sobre ME é alta (90%), em comparação a outros estudos. Os valores encontrados são divergentes em relação a outros estudos, onde demonstram o baixo nível de conhecimento em ME, em razão de ser um assunto pouco abordado.<sup>15,19</sup> Porém, na instituição onde foi realizada a pesquisa, a disciplina de Tanatologia faz parte do currículo, e logo no primeiro período do curso, os estudantes já obtêm conhecimento relacionado à morte e suas especificidades, conforme a cultura. A grade curricular da faculdade de Medicina em questão também é complementada pela disciplina de Cuidados Paliativos, na qual os alunos são instruídos sobre práticas relacionadas aos pacientes terminais e ao convívio com seus familiares. Portanto, a presença de ambas as disciplinas proporcionam contato com a morte, o que se torna benéfico ao ajudar os acadêmicos a melhor compreender seus aspectos e se prepararem para quando se defrontarem com esses casos.<sup>22</sup>

Para abordagem desses familiares é necessária qualificação dos profissionais da saúde acerca das diretrizes à doação, captação e transplante, bem como conhecimento do diagnóstico de ME. A participação em cursos, eventos científicos e aulas sobre o tema são essenciais nessa qualificação, principalmente durante a graduação. Neste estudo foi encontrado que as taxas de participação em cursos e aulas são baixas, oscilando entre 15% a 45% do total de estudantes no ciclo básico entre primeiro e nono períodos, com a taxa mais elevada no décimo primeiro período, em cerca de 60% do total de estudantes. Os alunos da faculdade obtêm maior contato com o assunto a partir do nono período no qual se inicia o internato realizado no Hospital da referida instituição. Nele, são realizados transplantes de fígado, rins e coração, o que desperta a atenção dos alunos

para obter maior conhecimento na área, além do fato de estarem próximos e terem contato com o processo de doação de órgãos. Além disso, o tema também é presenciado em atividades fora da grade curricular habitual como ligas acadêmicas, congresso acadêmico e outros eventos. Tais fatores explicam a elevada taxa de participação em comparação a outros estudos.<sup>8,15,19</sup> O assunto, porém, não é tratado de maneira uniforme nas escolas médicas, havendo discrepância entre os anos letivos.<sup>15</sup> Esses dados ressaltam que são necessários mais debates e exposições sobre transplante durante o curso médico, bem como discussões sobre o assunto.

## CONCLUSÃO

A partir do estudo, é possível concluir que estudantes de Medicina são bem instruídos em relação a temas pertinentes ao transplante e doação de órgãos e tecidos, como ME, mas a abordagem de aulas e cursos específicos é insuficiente para a prática, tanto no ciclo básico, como no internato. Esse quadro é característico do ensino médico brasileiro, e na faculdade em questão, torna-se amenizado devido às disciplinas complementares. Cabe ressaltar ainda que a realização de transplantes no Hospital da instituição desperta o interesse dos acadêmicos sobre o tema, sua valorização e atitudes positivas. Logo, é necessária melhor abordagem durante a graduação sobre o assunto, de modo direto e sistematizado, bem como desmistificar pré-conceitos, para que esses futuros profissionais, além de poderem optar pela doação, estejam aptos na identificação de um potencial doador e tomada correta do protocolo de doação e, assim, melhorar o índice de captação de órgãos.

---

## ABSTRACT

**Purpose:** The organ and tissue transplantation is an alternative to treat various diseases, but the number of donors is low and the waiting lists are long. This deficit is also due to the lack of information by the population. Such information is a responsibility of health professionals who must provide assistance and guidance. In this context, it is necessary for medical scholars to be qualified about organ donation and medical education must provide such knowledge. **Purpose:** To analyze the knowledge of medical students regarding brain death and organ donation. **Methods:** A self-administered questionnaire containing 14 objective questions was voluntarily answered and without identification. The sample was composed by 240 academics from a medical school, randomly selected corresponding to 48.78% of the total students. The collected data was grouped according to their level to assess the interval between levels. **Results:** From the 240 students interviewed, 35% took part of classes or courses on the subject, and 59.16% self-assessed their knowledge on organ donation and transplantation as regular. However, 90% reported having knowledge on brain death. This understanding has increased according to medical graduation evolves. Considering post mortem donation, 90.83% would be donors and the main reasons for the refusal to donate are: fear, misinformation, religion and just do not want. Academics were also assessed on alive donor transplants, in which 91.66% would make a donation, but 46.16% were unaware risks. **Conclusion:** Medical students are well instructed as to relevant contents on transplantation, such as brain death, but the approach on donating organs and tissues is insufficient to the practice.

**Keywords:** Kidney Transplant; Allografts; Measures of Association, Exposure, Risk or Outcome; Delayed Graft Function.

## REFERÊNCIAS

1. Pestana AL, Santos JLG, Erdmann RH, Silva EL, Erdmann AL. Pensamento Lean e cuidado do paciente em morte encefálica no processo de doação de órgãos. *Rev Esc Enferm USP*. 2013;47(1):258-64.
2. Brito FPG, Carvalho TB, Silva HC, Nogueira EC, Fernandez BO, Aguiar RRS, et al. Um olhar sobre ações educativas voltadas para doações de órgãos e tecidos: uma revisão de literatura. *Interfaces Cient Saúde Ambiente*. 2015;4(1):55-62.
3. Associação Brasileira de Transplante de Órgãos – ABTO. Perguntas sobre doações de órgãos [Internet]. [Acesso em 2016 Out 20]. Disponível em: <http://www.abto.org.br/abtov03/default.aspx?mn=477&c=918&s=0&friendly=doacao-deorgaos-e-tecidos>
4. Noronhal MGO, Seter GB, Perinil LD, Salles FMO, Nogara MAS. Estudo do perfil dos doadores elegíveis de órgãos e tecidos e motivos da não doação no Hospital Santa Isabel em Blumenau, SC. *Rev AMRINGS*. 2012;56(3):199-203.
5. Kurtz CTL. Doação de órgãos: um estudo em representações sociais na saúde [Dissertação]. Santa Maria/RS: Universidade Federal de Santa Maria; 2012.
6. Almeida EC, Bueno SMV, Baldissera VAD. Atuação de profissionais de saúde em doação de órgãos na perspectiva do familiar: uma análise problematizadora. *Arq Cienc Saúde UNIPAR*. 2015;19(2):139-45.
7. Santos RJ, Lins L, MRC Santos, Menezes MS, Carvalho FAR, Carvalho FM. Aspectos éticos dos transplantes de órgãos na visão do estudante de medicina: um estudo comparativo. *Rev Bioét*. 2016;24(2):344-54.
8. Reis FP, Gomes BHP, Pimenta LL, Etzel A. Morte encefálica e transplante de órgãos e tecidos: o entendimento dos alunos do curso de Medicina. *Rev Bras Ter Intensiva*. 2013;25(4):279-83.
9. Conselho Federal de Medicina - CFM. Resolução CFM nº 1.480/97 [Internet]. 1997 [Acesso em 2016 out 20]. Disponível em: [http://www.portalmedico.org.br/resolucoes/cfm/1997/1480\\_1997.htm](http://www.portalmedico.org.br/resolucoes/cfm/1997/1480_1997.htm)
10. Braga JF, Leite KAO, Costa GMC. Doação de órgãos e tecidos: a dualidade vida e morte na percepção dos profissionais da saúde. *Rev Tema*. 2014;15(22/23):48-62.
11. Câmara dos Deputados – Palácio do Congresso Nacional. Legislação Informatizada – Decreto nº 9.175, de 18 de outubro de 2017 [Internet]. 2017. [Acesso em 2018 jan 20]. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2017/decreto-9175-18-outubro-2017-785591-publicacaooriginal-153999-pe.html>
12. Associação Brasileira de Transplante de Órgãos – ABTO, Registro Brasileiro de Transplantes – RBT. Dimensionamento dos transplantes no Brasil e em cada estado (2009-2016), Ano XXII Nº 4 [Internet]. 2016 [Acesso em: 2016 out 20]. Disponível em: <http://www.abto.org.br/abtov03/Upload/file/RBT/2016/RBT2016-leitura.pdf>
13. Marques FS, Barbosa MDP, Ribeiro IM. Doação de órgãos e tecidos para transplantes: motivos de não autorização. *Cad Pesq São Luís*. 2013;20(3):93-100.
14. Moraes EL, Neves FF, Santos MJ, Merighi MAB, Massarollo MCKB. Experiências e expectativas de enfermeiros no cuidado ao doador de órgãos e à sua família. *Rev Esc Enferm USP*. 2015;49(Esp2):129-35.
15. Chehuen NETO JA, Sirimarco MT, Delgado AAA, Lara CM, Lima WG. Estudantes de medicina da UFJF e doação de órgãos para transplante. *HU Rev*. 2012;38(1 e 2):83-90.
16. Associação Brasileira de Transplante de Órgãos – ABTO, Registro Brasileiro de Transplantes – RBT. Dados numéricos da doação de órgãos e transplantes realizados por estado e instituição no período: Janeiro / Setembro – 2017 [Internet]. 2017 [Acesso em: 2016 out 20]. Disponível em: <http://www.abto.org.br/abtov03/Upload/file/RBT/2017/rbtrim3-leitura.pdf>
17. Barreto BS, Santana RJB. Principais variáveis envolvidas na não doação de órgãos de potenciais doadores no estado de Sergipe – Brasil [Trabalho de Conclusão de Curso]. Aracaju/SE: Universidade Tiradentes; 2015.
18. Castelli I, Meneses NPM, ALJ Junior. Doação de órgãos: a experiência dos profissionais de saúde. *JBT J Bras Transpl*. 2016; 19(1):1-27.
19. Bezerra DS, Bonzi ARB, Gomes IBS, De Sá JGS, Cavalcanti TRF, Nogueira WBAG. Doação de órgãos: entendimento de estudantes dos cursos de medicina e de enfermagem. *JBT J Bras Transpl*. 2016;19(1):1-27.
20. Oliveira MCN. O trabalho em equipe e a questão da notificação de morte encefálica: reflexões sobre processo de trabalho no cotidiano do Hospital Monsenhor Walfredo Gurgel [Tese]. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte; 2016.
21. Souza BSJ, Lira GG, Mola R. Notificação da morte encefálica em ambiente hospitalar. *Rev Rene*. 2015;16(2):194-200.
22. Monteiro DT, Reis CGCR, Quintana AM, Mendes JMR. Morte: o difícil desfecho a ser comunicado pelos médicos. *Estud Pesqui Psicol*. 2015;15(2):547-67.

---

## Agradecimentos

Ao Fundo de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG), pelo subsídio fornecido para a realização do presente estudo;  
 À Faculdade de Medicina de Itajubá e ao Hospital da instituição, pelo apoio dado;  
 Aos estudantes da referida faculdade, pela colaboração na pesquisa.

---